

O 7º grande tema é “a leitura e a produção de textos” em todas as disciplinas

Cerca de 17 mil professores coordenadores e professores da parte diversificada do currículo do Ensino Médio analisam as principais questões das linguagens atuais dos jovens estudantes. Como parte do projeto Apoio à continuidade de estudos, o curso Grandes temas da atualidade chega à 7ª videoconferência, dos 11 temas programados.

A professora Maria Aparecida Magnani, ao abrir a videoconferência, informa que a entrega do Guia do estudante já começou a ser feita e que, segundo a editora, ainda na primeira quinzena de setembro, todos os alunos do Ensino Médio receberão um exemplar.

Ao apresentar a conferencista Zuleika de Felice Murrie – professora doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, consultora da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, co-autora das matrizes para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e dos parâmetros curriculares do Ensino Médio – Aparecida Magnani define assim a leitura: “É um tema tão apaixonante, que eu nunca me esqueço do livro *Texaco*, de um escritor da Martinica, Patrick Chamoiseau (*Prêmio Goncourt* de Literatura, França, 1992), que narra a história de uma escrava, que aos domingos limpava a biblioteca do patrão e ficava impressionada com a atitude dele na biblioteca”.

Antes de ler um trecho do livro, a professora resume a história do personagem e do escritor: “O nome desta personagem é Marie-Sophie Laborieux. Ela descobriu o mundo da leitura, se tornou uma pessoa letrada e chegou a ser líder de um movimento comunitário. Personagem real, escreveu um diário, que foi recuperado depois pelo autor, ainda um estudante, que fazia mestrado. No meio do mestrado desistiu da tese e a transformou num romance.” “E assim, lembra a professora Aparecida, Marie-Sophie, explorando a biblioteca do sr. Gros Joseph e com o auxílio dele, foi se alfabetizando e se tornou uma pessoa que passou a entender melhor o mundo.”

É deles que nós vamos falar

Ao iniciar a videoconferência, professora Zuleika de Felice Murrie fala do seu orgulho de ter lecionado na rede pública durante 30 anos e lembra: “Não vou direcionar esta conversa apenas para os professores de português, mas a todos os professores, porque a leitura e produção de textos é uma questão de todos.” Em seguida, a professora faz uma convocação: “Vamos fazer uma maratona para discutir e trabalhar este assunto em sala de aula”.

Zuleika apresenta uma foto com dois adolescentes e faz questão de frisar que é desses jovens que ela vai falar. “Eu quero que fique claro que é deles que nós vamos falar. É desses jovens, desses, reais, de verdade. Não estou falando de jovens que a escola gostaria de formar, ou que eu gostaria, como professora, que eles fossem. Não. Não estou falando de um sujeito inexistente. O sujeito que a escola gostaria, na verdade, é uma ilusão, uma utopia.”

“Esses jovens vivem num mundo bastante diferente”. E ressalta: “Nós estamos num mundo real, para o qual a escola procura preparar o aluno para conviver”. Segundo ela, quando se fala de jovens, essa relação entre o mundo vivido e o mundo da escola é bastante complicada. Cada estudante traz sua linguagem para dentro da escola.

Estruturadas e estruturantes

“A grande questão da linguagem e do texto, ou que seja lá qual for a forma de comunicação, não está na escola, ela está na vida. Não dá para o jovem entrar na escola e congelar as suas linguagens”, diz Zuleika.

“Esta é a primeira questão. A escola tem que conviver com a realidade das linguagens múltiplas”, diz ela. “A linguagem é o que nos faz. Nos forma como pessoa. É o nosso pensamento, o resultado da nossa formação familiar. A forma como vejo a vida e interajo com o mundo. Não é uma coisa de fora para dentro. A nossa linguagem é que o nos estrutura e é resultante, de como fomos estruturados. A escola precisa fazer a interação entre essas linguagens.”

A linguagem nunca é neutra

A professora cita o lingüista Mikhail Bakhtin, ao dizer que “a linguagem é centro do nosso conflito”. Ao considerar esta visão Bakhtiniana, ela alerta: “Não é uma questão de imposição e sim de negociação da linguagem”.

A professora exemplifica: “Se o aluno não aceita aprender aquela linguagem que a escola deseja que ele domine, isso já é uma ruptura. Há aí um conflito de interesses. A ação não visa à substituição desta linguagem, mas a interação das linguagens”.

Outro problema lembrado pela professora refere-se às tecnologias. “O século está marcado por esta questão. É uma nova forma de ver o mundo e de estruturar o pensamento”, diz. Em seguida, cita um espanhol, que vive na Colômbia, teórico e pesquisador da comunicação e convergência digital, Jesús Martín-Barbero: “A tecnologia é para os mais jovens o que o lápis e a caneta foram para nós. A tecnologia não é mais uma acumulação de aparatos, é um novo organizador perceptivo, um reorganizador da experiência social”.

Segundo suas teorias, quando se diz que o jovem não lê, não se dá a devida importância ao fato de que eles assistem à televisão, navegam na internet (onde tudo é possível), saem da cultura oral e entram na modernidade da gramática por meio do rádio, do cinema, sem passar pelo livro.

A professora Zuleika lembra ainda a máxima de Martín-Barbero: “O roteiro é a última chantagem da cultura letrada. Nós poderíamos perfeitamente fazer filmes sem roteiros porque pensamos em imagens”. Pensamento ratificado pelo cineasta brasileiro Glauber Rocha quando ele revela que para se fazer um filme são necessárias “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”.

Brasil, um país oral

"O brasileiro", afirma ela, "fala muito, não lê e escreve pouco, ou nada. Se considerarmos, no entanto, as inteligências múltiplas, concluiremos que a escrita é apenas uma das formas de expressão".

Na direção oposta ao talento brasileiro, Zuleika lembra que a escola é um lugar para se ficar calado. Está, então, colocado aí um contraponto aos aspectos da linguagem como identidade.

Distinção social

Paralelamente, a professora Zuleika propõe a análise da importância dos escritores clássicos na formação do aluno. “Os livros de Machado de Assis e José de Alencar, por exemplo, se não forem lidos na escola, (talvez) não serão nunca mais. Entre as diferentes visões, o livro é uma tecnologia cultuada”. E para aprofundar ainda mais a reflexão do professor, ela retoma uma frase do sociólogo francês Pierre Bourdieu, um dos maiores intelectuais da sociologia contemporânea, que diz “A literatura faz a distinção social.” “Ela marca o poder de quem a domina. Um poder simbólico, acumulado pelos seus protagonistas. É preciso preparar o aluno para assumir esse poder, essa função social”, conclui Zuleika.

A professora chama a atenção, para o que chama de "cultura elitizada" que, segundo ela, "vai desqualificar, desclassificar esse sujeito que não sabe ler nem escrever".

"O estudante - diz ela - deverá se apropriar da linguagem escrita (em compreensão e produção) e das formas públicas de linguagem, para se fazer compreender. E no momento em que o pensamento expresso em palavras não for suficiente para expor suas idéias, então ele vai se manifestar batendo nas pessoas, pichando, atirando pedras, bombas, enfim, com violência. Por quê? Porque ele não sabe verbalizar".

Como fazer ler e escrever

A professora Zuleika considera que a escola é um reflexo ("exemplo") de onde as pessoas não se juntam, não se reconhecem. A escola é um lugar onde as pessoas estão sós."

"Que meios eu posso usar para chegar perto desta literatura e fazer com que o aluno leia e goste de ler?" – Questiona, ela, e responde: "É preciso que os alunos sintam que a leitura é uma coisa compartilhada. Criar comunidades leitoras, comunidades escritoras é uma forma, diz ela." Então, ela relembra a época em que lecionava: "Optei pela formação de comunidades leitoras e escritoras. Reunia alunos que gostavam de ler (eles existem em todas as salas). Eles tinham que ler, dramatizar, expor suas opiniões sobre o que leram. Era eu que tinha que fazer despertar isso de diferentes formas."

É preciso motivar os alunos – sinaliza ela. A escola precisa fornecer aquela competência, que fará diferença para aquela pessoa. O poder da linguagem para partilhar idéias. O domínio da escrita e sua instrumentação.

Três grandes eixos

Quais são os grandes eixos de domínios da linguagem escrita? O primeiro deles é a apropriação da escrita – em compreensão de produção –, assim como as formas públicas da linguagem oral. O segundo é a proficiência na norma-padrão, em sua modalidade de escrita e também nas situações orais. E o terceiro refere-se à prática de análise e reflexão sobre o mundo que o cerca: ler e interpretar o mundo.

"Então," conclui a professora Zuleika, "é preciso entender como é que se escreve. A escrita é uma outra tecnologia. Os alunos têm grande dificuldade em entender como a escrita se organiza. Na escrita, eu tenho que pensar, falar comigo mesmo e depois transpor para o código da escrita, aquela minha fala. Se a pessoa não entender isso, não vai conseguir escrever."

No terceiro eixo, é preciso saber ler o que está escrito, refletir sobre aquilo e se posicionar sobre o que foi dito. A grande dificuldade está nesta metacognição. Ir ao tema e dele voltar.

Ao analisar os exames do Enem e Saresp, a professora Zuleika faz uma comparação entre os dois em relação às competências que solicitam, mostrando os principais aspectos de cada um deles.

Zuleika Murrie encerra a videoconferência mostrando a mesma foto dos jovens que apresentou na abertura, onde se lê: "É deles que precisamos!"

